

CAPÍTULO II

A LITURGIA NA HISTÓRIA DA IGREJA

Iniciamos este capítulo de carácter histórico com um texto da *Sacro-sanctum Concilium*: «na verdade, a liturgia compõe-se duma parte imutável, porque de instituição divina, e de partes susceptíveis de modificação, as quais podem e devem variar no decorrer do tempo, se porventura se tiverem introduzido nelas elementos que não correspondam tão bem à natureza íntima da liturgia ou se tenham tornado menos apropriados»³³.

Na verdade, a história da liturgia faz-nos ver a infinita variedade de modificações na mesma liturgia. Desde o início, a liturgia sofreu alterações e aceitou modificações. A panorâmica que apresentamos neste ponto evidenciará algumas épocas culturais e a sua interferência com a liturgia.

Podemos dividir a história da liturgia do Ocidente em quatro grandes épocas:

1. a primeira vai das origens do Cristianismo até ao ano 590, ou seja, até à véspera do pontificado de Gregório Magno;
2. a segunda abarca a obra de Gregório Magno e estende-se até 1073;
3. a terceira inicia-se com Gregório VII e termina na véspera do Concílio de Trento, isto é, de 1073 até 1545;
4. a quarta vai do Concílio de Trento até ao II Concílio Ecuménico do Vaticano. A primeira sessão do Concílio no outono de 1962

³³ SC 21.

No Novo Testamento encontramos também as práticas litúrgicas da primitiva comunidade cristã:

1. O Domingo que celebra a Ressurreição do Senhor e a fracção do pão⁴³;
2. A Páscoa anual que aparece como o elemento fundador da liturgia cristã, como recorda S. Paulo: «Cristo, nossa Páscoa, foi imolado»⁴⁴. Por detrás deste texto existe uma Igreja que já tinha substituído o cordeiro pascal por Cristo, o verdadeiro cordeiro pascal;
3. A Igreja apostólica que celebra o Baptismo em nome de Jesus⁴⁵.

Apesar de não existir um ordenamento estável, a comunidade apostólica possui já algumas formas litúrgicas próprias. Salienta-se a importância das reuniões de oração, do Baptismo e da Eucaristia.

As primeiras comunidades, numa relação contínua e descontínua com o Antigo Testamento, tomam cada vez mais consciência da novidade da experiência cristã, principalmente depois da destruição do templo de Jerusalém no ano 70.

A Igreja apostólica não renegou as suas raízes judaicas, e em ligação com essas criou formas culturais novas, a partir das quais se realizaram os desenvolvimentos posteriores da liturgia.

Vejamos, então, o que é de origem judaica e helenística.

2.2.1. Elementos de origem judaica:

- A liturgia da Palavra com as duas leituras, o canto salmódico e a homilia são elementos extraídos do serviço religioso matutino que se realizava nas sinagogas;
- É também de origem judaica a grande oração de intercessão que precede a liturgia eucarística;
- O ciclo da semana de sete dias e a festa semanal, que bem cedo foi transferida do Sábado para o Domingo, o dia da Ressurreição.
- Acrescenta-se ainda as festas da Páscoa e do Pentecostes e até mesmo a ideia de Ano litúrgico, como santificação do curso anual do tempo e das estações com uma série de festividades religiosas;

⁴³ Cf. 1Cor 16,2; Ap 1,10; Act 20,7.

⁴⁴ 1Cor 5,7.

⁴⁵ Cf. Act 2,38.

- Os tempos de oração em Israel no tempo de Jesus eram três: manhã, meio dia e tarde. Para o cristianismo passaram a oração da manhã e da tarde, o número ternário das Horas diurnas, a contagem do dia judaico da tarde do dia à tarde do dia seguinte, ou seja, das vésperas às vésperas.
- Algumas aclamações litúrgicas como o *Amen*, *Aleluia*, *Hossana*.
- E, finalmente, é de origem judaica um dos gestos mais importantes do culto cristão: a imposição das mãos.

2.2.2. Elementos de origem helenística

- Do mundo helenístico provêm os elementos decisivos que levaram ao desenvolvimento do rito da Iniciação Cristã: os exorcismos, as unções e a celebração baptismal situada na noite pascal. A partir desta nasceriam as celebrações litúrgicas durante a noite, isto é, as vigílias. É igualmente de origem grega a disciplina do arcano, ou seja, o costume de não manifestar em público o conjunto dos ritos e das formas sagradas.
- Do helenismo provém a tendência de sobrepor as fórmulas de oração às leis da antiga retórica. O uso cristão de rezar voltado para o Oriente e a conseqüente orientação das igrejas em direcção nascente-poente.
- Ao património grego deve-se ainda a linguagem litúrgica nos termos de: liturgia, eucaristia, eulogia, mistério, prefácio, cânone, anamnese, epiclése, agape, advento, exorcismo, doxologia, hino, vigília, etc
- Algumas formas de oração e aclamações, como *Kyrie eleison*, *Dignum et iustum est*, *Deo gratias*.

Em todo este período existiram alguns factores que foram essenciais para a formação e o desenvolvimento do complexo litúrgico: a mensagem e a actividade de Jesus, o mistério da sua Morte e Ressurreição, a consciência da presença do Senhor no meio dos seus discípulos e a acção do Espírito Santo.

2.3. A liturgia nos primeiros séculos

Nos primeiros três séculos faltam testemunhos escritos sobre a liturgia. Nesta época, são os Padres Apostólicos e outros autores que nos oferecem

notícias acerca da vida litúrgica cristã⁴⁶. Assim: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo, Ireneu de Lião, Tertuliano e Cipriano, bem como a *Didaqué*.

Trata-se, pois, de um momento crucial para a Igreja, a passagem do Evangelho do mundo hebraico para o mundo grego. Este é um período de luta, transformação e de contínuo desenvolvimento. Este período é caracterizado como um tempo de improvisação e de criatividade.

Deste período destaca-se a *Traditio Apostolica*⁴⁷, texto atribuído a Hipólito de Roma, datado cerca do ano 215, de que dispomos as versões latina, árabe e etíope e as adaptações em siríaco e em grego. Hipólito é um presbítero de Roma e escreve ainda em grego⁴⁸, cujo texto original se terá perdido. Seguindo a versão latina, podemos encontrar o seu conteúdo real. Este documento, embora misturando a liturgia com as normas disciplinares, é muito importante para a liturgia e com grande influência tanto no Oriente como no Ocidente. Até há pouco tempo, era tido como o documento modelo, não só o mais antigo, mas o mais original da liturgia romana, o qual oferece pela primeira vez os textos litúrgicos da prece eucarística e as orações das ordenações.

A estrutura da *Traditio Apostolica* articula-se em 43 capítulos, incluindo um prólogo e uma conclusão, testemunhando o essencial da tradição e dando a conhecer a mesma tradição que até então subsistia. O presente documento é de difícil classificação no âmbito dos géneros literários, «por um lado, tem um aspecto canónico pelo facto de dar regras precisas e muito concretas para a vida de uma comunidade cristã. Por outro lado, contém uma série de orações litúrgicas que exprimem a fé da Igreja, onde aparece um carácter teológico»⁴⁹.

Alguns estudos recentes colocaram em dúvida essas afirmações e situaram o referido documento na dimensão do complexo conjunto das colecções litúrgico-canónicas⁵⁰ de origem oriental e, posteriormente,

⁴⁶ Recomenda-se a consulta de AL, 84-324.

⁴⁷ B. BOTTE (ed.), *La tradition apostolique de saint Hippolyte. Essai de reconstitution* (Liturgiewissenschaftliche Quellen und Forschungen 39), Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster Westfalen 1989.

⁴⁸ Cf. K. SALLMANN, *L'âge de transition. De la littérature romaine a la littérature chrétienne de 117 a 284 après J.-C.* (Nouvelle histoire de la littérature latine 4), Brepols, Turnhout 2000, 387.

⁴⁹ B. BOTTE, «L'Esprit-Saint et l'Eglise dans la "Tradition apostolique" de Saint Hippolyte», *Didaskalia* 2 (1972) 221.

⁵⁰ Cf. M. METZGER, «Nouvelles perspectives pour la prétendue Tradition Apostolique», *EO* 5 (1988) 241-259; ID., «Enquêtes autour de la prétendue "Tradition Apostolique"», *EO* 9 (1992) 7-36; Cf. A. CATELLA, «L'evoluzione dei modelli rituali della liturgia di ordinazione»,

acolhido no Ocidente. Os textos eucológicos são apresentados como modelos e não ainda como fórmulas fixas, pois não é chegado o tempo da organização das primeiras liturgias.

2.3.1. As fases da formação de um rito local

Nos primeiros séculos encontramos um período de gestação. Existem alguns factores que contribuíram para a criatividade deste momento: experiências humanas, questões teológicas e aquisições culturais. Sucedem-se e estratificam-se todos os factores para criar o estilo clássico da liturgia romana.

O arranque inicial e decisivo deste período de gestação pode ter sido o facto da mudança da língua litúrgica em Roma, ou seja, do grego para o latim.

Vejamos, brevemente, alguns tempos do desenvolvimento litúrgico:

- O tempo da improvisação. Trata-se dos primeiros três séculos. Neste período não existem livros litúrgicos, somente a Bíblia. Tudo é deixado à livre iniciativa do bispo, salvo os elementos essenciais.
- O tempo da criatividade. Manifesta uma Igreja madura, na qual a comunidade cristã atingiu um grau de maturidade que lhe permite assimilar de modo peculiar a tradição sacramental apostólica. São necessários então homens preparados para produzir os textos litúrgicos que chegaram até nós. A produção de formulários litúrgicos é abundante. Os grandes autores compõem os textos litúrgicos pensando numa determinada comunidade e destinando-os a uma data específica.
- O tempo da codificação. Refere-se ao tempo no qual os livros litúrgicos começam a aparecer e à sua compilação. Estes são pensados para estabelecer um ordenamento das celebrações litúrgicas e também para os textos destinados a tais celebrações. Surgem então o sacramentário, o leccionário e o antifonário.

in *Le liturgie di ordinazione [Atti della XXIV Settimana di Studio dell'Associazione Professori di Liturgia, Loreto (AN), 27 agosto - 1 settembre 1995]* (BELS 86), Edizioni Liturgiche, Roma 1996, 27; Cf. B. BOTTE, «Peuple chrétien et hiérarchie dans la "Tradition apostolique" de Saint Hippolyte», in *L'assemblée liturgique et les différents rôles dans l'assemblée [Conférences Saint-Serge XXIIe semaine d'études liturgiques, Paris, 28 Juin - 1er Juillet 1976]* (BELS 9), Edizioni Liturgiche, Roma 1977, 79; Cf. P.F. BRADSHAW-M.E. JOHNSON-L.E. PHILLIPS, *The Apostolic Tradition. A commentary* (Hermeneia) Fortress Press, Minneapolis 2002.

2.3.2. Período de criatividade da Liturgia romana clássica

Os séculos IV e V são considerados a época de ouro da criatividade e da improvisação na oração litúrgica. Por isso, não encontramos livros litúrgicos propriamente ditos. Nesta etapa de alta dimensão teológica, o único livro utilizado na celebração era a Bíblia.

São muitos os nomes deste esplendor criativo⁵¹: S. Dâmaso (366-384); S. Leão Magno (440-461), S. Gelásio (492-496), Papa Vigílio (537-555), S. Gregório Magno (590-604) e outros. Neste tempo usavam-se os *libelli*, ou seja, uma página única ou um livreto que continha as orações para uma certa festividade da Igreja.

A produção dos textos acontece propriamente no período que vai do século V até ao século VIII, isto é, o tempo em que a Igreja romana desenvolveu e formou o seu próprio culto. Mais tarde, adquirirá um amadurecimento teológico mais rico, o qual em contacto com outras formas litúrgicas entrará em diálogo com os povos franco-germânicos e sofrerá algumas modificações.

2.3.3. Os sacramentários romanos: o Veronense, o Gelasiano e o Gregoriano

O sacramentário é o livro do celebrante, bispo ou presbítero, que contém as fórmulas eucológicas para a Eucaristia e os sacramentos.

O primeiro e verdadeiro sacramentário é o chamado Sacramentário Gelasiano antigo. Este é intitulado «*Liber sacramentorum romanae aeclesiae ordinis anni circuli*»⁵², que contém três livros:

- 1) o temporal (1-803), referente ao ano litúrgico, desde o Natal até ao Domingo depois do Pentecostes e outras missas, que contém alguns formulários para a Penitência⁵³ e para o Baptismo⁵⁴;
- 2) o santoral (804-1177), com as festas dos santos e missas do Advento;
- 3) os Domingos do Tempo comum (1178-1704), com o cânone da Missa por várias necessidades, bem como um tipo de ritual das

⁵¹ Consultar AL, 325-1159.

⁵² L.C. MOHLBERG-L. EIZENHÖFER-P. SIFFRIN (edd.), *Liber Sacramentorum Romanae Aeclesiae ordinis anni circuli* (Cod. Vat. Reg. 316/Paris Bibl. Nat. 7193, 41/56). *Sacramentarium Gelasianum* (Series Maior. Fontes 4), Casa Editrice Herder, Roma 1981.

⁵³ GeV 78-83; 349-368.

⁵⁴ GeV 193-199; 225-228; 254-257; 283-328; 419-424; 444-451.

bênçãos. A abundância de formulários para a Penitência e o Baptismo, reunidos juntamente com o ciclo eucarístico anual, justifica bem o seu título *Liber sacramentorum*⁵⁵, dado que é um *Liber* dos sacramentos.

Trata-se de um livro misto, realizado a partir da Liturgia papal e presbiteral da cidade de Roma e da Liturgia galicana. Pode datar-se entre os anos 628 e 715. Pode, ainda, afirmar-se que é uma colecção de *libelli* romanos com acrescentos galicanos⁵⁶.

Mas, antes, encontramos um outro livro, o chamado “Sacramentário” *Veronense*⁵⁷. É uma colecção de *libelli* romanos feita na primeira metade do século VI e composta entre 561-574, dividindo-se em 36 secções, da VIII à XLIII. Encontra-se organizado a partir dos meses do ano civil e não segundo o ano litúrgico, iniciando no mês de Abril e terminando com o mês de Dezembro. Não sendo uma obra completa⁵⁸, não constitui uma estrutura organizada, dado que os ciclos do tempo e dos santos aparecem juntamente com certos ritos sacramentais. A esta colecção não se pode chamar, propriamente, “sacramentário”, embora inclua o cânone para o bispo de Roma.

O terceiro é o Sacramentário *Gregoriano*⁵⁹. Este é o resultado do pedido de Carlos Magno, que, na continuidade das tentativas para a unificação da liturgia nos países francos, pede ao Papa Adriano I (772-795) um sacramentário romano puro. O livro chegou cerca do ano 785 e é conhecido com o nome de *Hadrianum*, modelo para muitas cópias, reconhecíveis pelo subtítulo: “*ex authentico libro bibliothecae cubiculi*”.

J. Deshusses apresenta este sacramentário, ou melhor, a “família gregoriana”, em três volumes, por ser um instrumento cómodo e completo à ciência litúrgica. No primeiro reúne todas as principais

⁵⁵ Cf. A. CHAVASSE, «Les dénominations du sacramentaire, chez les latins», *EO* 20 (2003) 95-97; Cf. ID., «Sur la finale du IIIe livre du *Vaticanus Reginensis* 316», *EO* 20 (2003) 251-252.

⁵⁶ Cf. E. PALAZZO, *Le moyen âge. Des origines au XIIIe siècle*, Beauchesne, Paris 1993, 66-72.

⁵⁷ L.C. MOHLBERG-L. EIZENHÖFER-P. SIFFRIN (edd.), *Sacramentarium Veronense* (Cod. Bibl. Capit. Veron. LXXXV [80]) (Series Maior. Fontes 1), Herder Editrice e Libreria, Roma 1994.

⁵⁸ PALAZZO, *Le moyen âge*, 61-65.

⁵⁹ J. DESHUSSES (ed.), *Le sacramentaire grégorien. Ses principales formes d'après les plus anciens manuscrits I. Le sacramentaire, le supplément d'Aniane* (SF 16), Éditions Universitaires, Fribourg 1992; II. *Textes complémentaires pour la messe* (SF 24) Éditions Universitaires, Fribourg 1988; III. *Textes complémentaires divers* (SF 28), Éditions Universitaires, Fribourg 1992.

formas do sacramentário *Gregoriano*, a partir dos mais antigos manuscritos (*Hadrianum ex authentico*, *Suplemento Anianense*, *Paduense* e adição de outros códigos). O segundo volume oferece uma edição sintética por matérias, que são os textos complementares para a missa, tudo o que diz respeito aos sacramentos e sacramentais e às orações mais importantes. Para o terceiro volume foram colocados todos os textos complementares diversos. A atribuição do sacramentário ao Papa Gregório Magno (590-604) assenta numa tradição, que sustenta a participação deste Papa⁶⁰ na composição do seu texto mais antigo. Outro tipo do sacramentário Gregoriano chama-se Gregoriano Paduense, porque se encontra em Pádua. Neste último, nota-se uma intervenção do Papa Gregório Magno.

2.3.4. Outros livros litúrgicos

- **O Leccionário.** No princípio liam-se directamente pela Bíblia as leituras para a celebração litúrgica, de modo mais ou menos contínuo. Depois, começou a escolher-se as leituras por determinados dias, os quais foram assinalados à margem do texto sagrado. Num segundo momento, fez-se um apêndice com um elenco de perícopas distribuídas por dias. Encontramos, então, leituras que contêm somente os evangelhos ou somente as leituras não evangélicas (chamadas *Comes* ou *Liber Comititis* ou *Liber comicus*). Dá-se o aparecimento do Leccionário. Numa primeira fase (séc. VII, contemporaneamente ao GeV e ao Gr), existe só a indicação do início (*incipit*) e da conclusão (*explicit*) de cada texto. O epistolário e o evangeliário apareciam separados⁶¹. Na segunda fase, já aparecem unidos e por extenso⁶². Quanto aos Evangeliários⁶³ ou *Capitularia evangeliorum* foram classificados em 4 tipos: tipo II

⁶⁰ Cf. PALAZZO, *Le Moyen Âge*, 72-79.

⁶¹ *Comes* de Würzburg (ed.) G. MORIN, «Le plus ancien comes ou lectionnaire de l'Église romaine», *Revue Bénédictine* 27 (1910) 41-74; *Comes* de Alcuíno (ed.) A. WILMART, «Le lectionnaire d'Alcuin», *EL* 51 (1937) 136-197.

⁶² *Comes* de Murbach (ed.) A. WILMART, «Le comes de Murbach», *Revue bénédictine* 30 (1913) 25-69; Leccionário de Corbie (ed.) H. FRERE, *The Roman Epistle-Lectionary*, Oxford 1935; *Liber Comititis* de Paris ou de Verona ou de Monza (ed.) R. AMIET, «Un comes carolingien inedit de la Haute-Italie», *RL* 73 (1959) 335-367.

⁶³ Th. KLAUSER (ed.), *Das römische Capitulaire Evangelium. Texte un Untersuchungen zu seiner ältesten Geschichte* (LQF 28), Aschendorff, Münster 1972.

(*pi* – ano 645 – Roma); tipo Λ (*lambda* – ano 740 – Roma); tipo Σ (*sigma* – ano 755 – Roma); tipo Δ (*delta* – ano 750 – adaptação romano-franca do tipo II).

- **O Antifonário.** Este é o livro que contém os cânticos da Missa e é destinado ao cantor ou ao coro. Os antifonários mais antigos⁶⁴ (séc. IX) são seis: o Gradual de Monza, o Antifonário de Rheinau, o Antifonário de Mont-Blandin, o Antifonário de Compiègne, o Antifonário de Corbie e o Antifonário de Senlis.
- **Os Ordines Romani.** Os livros chamados *Ordines Romani*⁶⁵ são meios importantes e úteis para o conhecimento da formação e evolução da liturgia. São textos que recolhem toda a informação necessária para a programação e execução próprias de uma celebração litúrgica, com indicações ou guia das mesmas e descrição dos ritos sagrados.

M. Andrieu dá-nos a edição crítica de todos os *Ordines Romani* conhecidos. Os cinquenta *Ordines*, além da classificação em duas famílias, a A (romana pura) e a B (romana-franca), são apresentados em dez secções: *ordo* 1 a 10 – Missa papal e episcopal; *ordo* 11 – ritual baptismal; *ordo* 12-14 – disposição dos cantos e das leituras; *ordo* 15-19 – disposição da liturgia monástica; *ordo* 20-33 – diversas celebrações no ano litúrgico; *ordo* 34-40 – ordens sacras; *ordo* 41-45 – dedicação-consagração das igrejas; *ordo* 46-48 – coroação do imperador; *ordo* 49 – funerais; *ordo* 50 – o chamado *ordo romanus antiquus* (parte do *Pontifical Romano-Germânico* do séc. X).

A datação é difícil de estabelecer, provavelmente apareceram juntamente com os primeiros sacramentários, anteriormente mencionados, dos quais são um precioso complemento.

Três *Ordines* revestem uma particular importância: o *ordo* 1 – a Missa estacional celebrada pelo Papa no dia de Páscoa; *ordo* 11 – descrição do ritual e formulários da Iniciação Cristã no VI século; *ordo* 34 – ritual das ordenações, cerca da metade do século VIII.

- **O Missal.** A partir do século X começam a surgir livros com todos os elementos necessários para a celebração da Eucaristia.

⁶⁴ R.-J. HESBERT (ed.), *Antifonale Missarum Sextuplex*, Bruxelles 1935.

⁶⁵ Cf. M. ANDRIEU, *Les Ordines Romani du haut Moyen Âge*, 5 voll. (SSL 11, 23, 24, 28, 29), Louvain 1931-1961.

A estes se deu o nome de Missal. O Missal é um livro litúrgico para a Missa. O Missal mais difundido até ao Concílio de Trento foi o chamado *Missale secundum consuetudinem Curiae*⁶⁶, cuja *editio princeps* foi publicada em Milão em 1474.

- **O Ritual.** Outro livro litúrgico desta época é o Ritual. Este contém os ritos que pertencem ao presbítero. Deve-se a recolha de muitos destes rituais a Martène⁶⁷.

2.3.5. A Liturgia franco-germânica

É um dado histórico que a Liturgia romana emigrou para o norte da Europa. O património romano, herança dos inícios do século V, elaborado na Roma papal dos séculos V-VIII, foi adoptado pela capela palatina em Aquisgrana e em todo o país dos francos e no império do Ocidente como a liturgia oficial.

Assiste-se então a uma fusão, chegando-se a uma liturgia mista. Com Carlos Magno e Pepino chega-se a uma romanização da Liturgia franca. Carlos Magno pediu ao Papa Adriano o envio de textos dignos de confiança que correspondessem à situação mais recente da Liturgia romana reordenada por Gregório Magno. Quando Carlos Magno, depois de uma longa espera, no ano 785, recebeu os livros, mandou-os colocar na biblioteca do palácio real em Aquisgrana, como textos típicos que deviam constituir o modelo-tipo pelos quais se deviam transcrever os livros que fossem necessários a todas as igrejas do reino franco.

Nessa época, aparece o *Pontifical Romano-Germânico*⁶⁸, que é uma colecção litúrgica composta em Mogúncia, por volta de 950, na abadia de Santo Albano. Este pontifical adapta à Germânia do século X os usos e os textos litúrgicos romanos. Efectivamente, sendo a composição realizada a partir de diversas colecções dos *Ordines*, tanto da família A, como da B, constitui o ponto de partida para uma certa unificação das celebrações em todo o Ocidente latino e, ainda, para uma comodidade

⁶⁶ A. WARD-C. JOHNSON (edd.), *Missalis Romani editio princeps* (BELS, Supplementum 3), Edizioni Liturgiche, Roma 1996.

⁶⁷ E. MARTÈNE, *De antiquis Ecclesiae ritibus. De antiquis monachorum ritibus*, Anvers 1736-1738. Ver ainda: A.-G. MARTIMORT, *la documentation liturgique de dom Edmond Martène* (ST 279), Città del Vaticano 1978; IDEM, «Aditions et corrections à la documentation liturgique de dom Edmond Martène», *EO* 3 (1986) 81-105.

⁶⁸ C. VOGEL-R. ELZE (edd.), *Le Pontifical Romano-Germanique du X^e siècle*, 3 voll. (ST 226, 227, 269), Città del Vaticano 1963-1972.

prática de encontrar num só livro a descrição dos ritos e as fórmulas eucológicas.

A nova Liturgia mista é mais rica de formas que a antiga Liturgia romana. Agora, entram na liturgia elementos do mundo franco-germânico: missas votivas, orações pessoais do sacerdote, as orações e pedidos de perdão; as chamadas apologias que, pouco a pouco, aparecem no início de quase todas as partes da Missa. O carácter comunitário passa para segundo plano: o povo torna-se mudo espectador de uma liturgia clerical. O sacerdote celebra o culto num maior isolamento e assume todas as funções que até então eram distribuídas entre os vários ministros. Por isso, basta-lhe um só livro que contenha todo o necessário para a celebração.

Daqui nasce no século XIII, o *Missale plenarium*, no qual aparecem todos os elementos necessários para a celebração da Missa: antífonas, orações, leituras, prefácios, cânone e todo o ordinário da Missa.

No século X pode falar-se de Liturgia romana-franco-germânica. Ritos e textos formados no norte da Europa e em França, nos séculos VIII, IX e X, entram agora em Roma com o Pontifical e com outros livros litúrgicos. A ordenação dos eclesiásticos em Roma é agora celebrada não segundo o rito romano antigo, breve e simples, mas segundo um cerimonial mais rico, que, entretanto, se difundiu no território franco-alemão.

2.3.6. De Gregório VII ao Concílio de Trento

Com Gregório VII (1073-1085) os Papas retomam nas suas próprias mãos a direcção da Liturgia ocidental que tinham deixado há quase três séculos aos bispos e às autoridades políticas para lá dos Alpes. O Papa sente-se chamado a reencontrar o antigo *Ordo romano* e a aplicá-lo. Para isso, pediu a todos os bispos ocidentais que se uniformizassem ao uso litúrgico vigente em Roma e que seguissem a legislação litúrgica promulgada por Roma. O Papa queria voltar *ad ordinem romanum et antiquum morem* (= à antiga forma e costume romanos).

A liturgia oficial é agora chamada "liturgia da cúria romana" dos séculos XII e XIII com um Missal, um Breviário e um Pontifical.

Neste período é fundamental a liturgia de Cluny, Citeaux, Chartreuse, Premontrè, como também a liturgia dos frades de S. Francisco de Assis. Aimone de Faversham, ministro geral da Ordem (1240-1244), adoptou a Liturgia romana para os novos franciscanos.

Inocência III (1198-1216) adopta o alegorismo, o pietismo e sobretudo o devocionalismo com o culto dos santos e da Virgem Maria. É a época dos milagres eucarísticos e, portanto, do esplendor do culto eucarístico. A piedade

eucarística torna-se mais importante que a celebração da Eucaristia. Recorde-se o milagre eucarístico de Bolsena em 1264 e a instituição da festa do *Corpus Domini* com a Bula *Transiturus de hoc mundo*⁶⁹ de Urbano IV. Mais do que a participação na Eucaristia, fala-se agora em ver a Hóstia. A devoção dos fiéis concentra-se na humanidade de Jesus, em especial na sua Paixão dolorosa.

A liturgia, que era a acção comum do celebrante e do povo, agora torna-se função exclusiva dos sacerdotes. O povo está presente, mas enquanto decorre a acção sagrada dedica-se aos exercícios privados de devoção, independentes da liturgia.

2.3.7. O Concílio de Trento (1545-1563)

Nos três períodos do Concílio, o tema sacramental foi profundamente estudado e elaborado. Os Padres conciliares na 25.ª sessão de 1563 confiaram ao Papa as novas edições do Missal⁷⁰ e do Breviário⁷¹. Em 1596, surgem o *Pontificale Romanum*⁷², o *Caerimoniale Episcoporum*⁷³ e o *Rituale Romanum*⁷⁴.

A bem da verdade, o Concílio de Trento quis a reforma litúrgica «para superar o estado caótico da liturgia na continuidade com a tradição em sentido crítico-histórico, isto é, eliminando os acrescentos posteriores, restituindo aquela parte *de tempore*, diminuindo as festas dos santos e as missas votivas, procurando uma maior uniformidade, abreviando razoavelmente, compondo um *Ordo Missae* com rubricas obrigatórias para todos»⁷⁵.

⁶⁹ Cf. DH 846-847.

⁷⁰ O *Missale Romanum* foi promulgado pelo Papa Pio V em 1570. Cf. M.SODI-A.TRIACCA (edd.), *Missale Romanum, Editio princeps (1570)* (Monumenta Liturgica Concilii Tridentini 2), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 1998.

⁷¹ O *Breviarium Romanum* foi promulgado pelo Papa Pio V em 1568. Cf. M.SODI-A.TRIACCA (edd.), *Breviarium Romanum, Editio princeps (1568)* (Monumenta Liturgica Concilii Tridentini 3), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 1999.

⁷² O *Pontificale Romanum* foi promulgado pelo Papa Clemente VIII em 1596. Cf. M.SODI-A.TRIACCA (edd.), *Pontificale Romanum, Editio princeps (1595-96)* (Monumenta Liturgica Concilii Tridentini 1), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 1998.

⁷³ O *Caerimoniale Romanum* foi promulgado pelo Papa Clemente VIII em 1600. Cf. M.SODI-A.TRIACCA (edd.), *Caerimoniale Romanum, Editio princeps (1600)* (Monumenta Liturgica Concilii Tridentini 4), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2000.

⁷⁴ O *Rituale Romanum* foi promulgado pelo Papa Paulo V em 1614. Cf. M.SODI-A.TRIACCA (edd.), *Rituale Romanum, Editio princeps (1614)* (Monumenta Liturgica Concilii Tridentini 5), Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2004.

⁷⁵ B. NEUNHEUSER, *Storia della liturgia attraverso le epoche culturali* (BELS 11), Edizioni Liturgiche, Roma 1999, 137.

Em 1588, o Papa Sisto V instituiu a *Congregatio Sacrorum Rituum*. A esta Congregação foi confiado o encargo de interpretar oficialmente as directivas dos novos livros litúrgicos e de vigiar sobre a exacta execução dos ritos e das cerimónias. Os especialistas de direito litúrgico começaram a exercer um papel decisivo na vida litúrgica da Igreja.

Do século XVII ao século XIX, a liturgia era a mesma liturgia tridentina, na qual os leigos permaneciam como espectadores passivos. Entretanto, as Missas «foram decoradas com a polifonia e a música sinfónica, que davam um novo significado à expressão “ouvir a missa”»⁷⁶. Na verdade, muitos fiéis iam à Missa solene dos domingos e dos dias festivos. Nestas Missas faziam as suas devoções e recitavam as suas orações, enquanto o coro cantava ou a orquestra tocava ou até quando o sacerdote celebrava a liturgia.

Todavia, o Movimento Litúrgico, nos inícios do século XX, operou gradualmente a mudança na liturgia. O Movimento Litúrgico, como todos os movimentos sociais, começou a nível local e, pouco a pouco, cresceu, passando a sua mensagem até chegar às autoridades eclesiais a fim de se realizar a mudança litúrgica sistemática.

2.3.8. O Movimento Litúrgico

As etapas do Movimento Litúrgico até à constituição *Sacrosanctum Concilium* podem ser articuladas em três períodos:

- 1.º período: 1909-1914;
- 2.º período: 1914-1918 e 1939-1943;
- 3.º período: 1943-1963.

1.º período: 1909-1914

Convencionalmente, situa-se o início do Movimento Litúrgico em 1909, por ocasião do *Congrès National des Oeuvres Catholiques* em Malines na Bélgica, sob o impulso de Lambert Beauduin (1873-1953). Este monge beneditino tinha amadurecido a ideia de um retorno consciente e participante dos fiéis nas grandes riquezas da liturgia⁷⁷. Nessa data ele propôs trazer de novo aos fiéis a compreensão e o amor dos mistérios

⁷⁶ K. PECKLERS, *Liturgia. La dimensione storica e teologica del culto cristiano e le sfide del domani* (Giornale di teologia 326), Queriniana, Brescia 2007, 105.

⁷⁷ L. BEAUDUIN, *La piété de l'Église. Principes et faits*, Abbaye de Mont-César, Louvain 1914.

que se celebram no altar. O objectivo era voltar a pôr o missal na mão dos fiéis.

A produção litúrgica destes primeiros anos é abundante e de grande qualidade⁷⁸. A par da bibliografia surgiram os cursos, as semanas de formação, as revistas e os subsídios litúrgico-pastorais, mostrando que a liturgia é fonte de vida e não só uma instituição cerimonial e rubricista.

2.º período: 1914-1918 e 1939-1943

O impulso inicial que partiu do Congresso de Malines começou a difundir-se, seguindo-se outras iniciativas, como a do I Congresso Internacional de Liturgia em Antuérpia em 1930.

Na Alemanha, a abadia de Maria Laach procurou actuar de acordo com as instâncias do Movimento Litúrgico, dedicando-se à formação dos professores, do clero e dos universitários. Grandes figuras como Odo Casel (1886-1948) e Romano Guardini (1885-1968) ajudaram a renovar o conceito de liturgia.

Dos chamados “teóricos da teologia da liturgia”, damos um especial destaque a O. Casel, a partir do seu livro *o mistério do culto cristão*⁷⁹, a sua obra mais conhecida e escrita em 1932. O. Casel nasceu em 1886 em Koblenz-Lützel na Alemanha. Foi monge beneditino no famoso mosteiro de Maria Laach. Morreu a 28 de Março de 1948, na Vigília Pascal ao cantar o “*Exsultet*”. O abade do mosteiro ao comunicar a notícia da sua morte apresentou-o como «o cultor e o mistagogo do sagrado mistério»⁸⁰.

Um dos seus discípulos, notável, S. Marsili, diz que «Casel, filólogo das línguas clássicas antigas, ficou impressionado pelo facto de que a acção litúrgica é chamada, nas fontes antigas, com o nome de *mysterium – sacramentum*»⁸¹. E é pois pela filologia que se propõe passar da liturgia à teologia litúrgica.

Casel foi, não só um estudioso, mas sobretudo o cultivador, mistagogo e teólogo do mistério de Cristo, abrindo novos horizontes com o seu pensamento e linguagem, na compreensão da liturgia, revelando-se um precursor do evento do II Concílio Ecuménico do Vaticano.

Pela mão deste insigne capelão das monjas beneditinas de Herstelle, que o apelidaram de pai, somos conduzidos a outros valores que hoje nos parecem

⁷⁸ Cf. M. FESTUGIERE, *La liturgie catholique. Essai de synthèse*, Maredsous 1913; L. BEAUDUIN, *La pietè de l'Église. Principes et faits*, Louvain 1914.

⁷⁹ O. CASEL, *Il mistero del culto cristiano*, Borla, Roma 1985.

⁸⁰ «sacri mysterii cultor et mystagogus». J. ALDAZÁBAL, «La pascua de Odo Casel, hace cincuenta años», *Phase* n. 38 (1998) 91-94.

⁸¹ S. MARSILI, «Prefazione», in CASEL, *Il mistero del culto cristiano*, 1-2.

evidentes, tais como: «o protagonismo da Igreja local, a primazia da Palavra de Deus, a importância do Domingo cristão e da Páscoa, as analogias entre a nossa liturgia cristã com as de outras religiões e culturas...»⁸².

Nas anotações preliminares que Casel faz às três primeiras edições de *o mistério do culto cristão* diz recolher « neste modesto “volume” alguns trabalhos acerca do culto cristão entendido como mistério »⁸³. A actualidade das suas palavras é extraordinária, como na leitura dos textos escolhidos para o Ano litúrgico⁸⁴.

O livro apresenta duas partes. A primeira – o mistério do culto cristão, dividida em 5 capítulos: 1) o retorno ao mistério; 2) o mistério do culto no cristianismo; 3) mistérios antigos e mistérios cristãos; 4) o ano litúrgico; 5) o dia litúrgico. A segunda parte, sobre a plenitude do mistério de Cristo, contém a recolha de alguns dos seus manuscritos sobre: 1) a essência do mistério; 2) a Igreja como comunidade mística.

O volume em análise é enriquecido com um prefácio de S. Marsili e com a introdução e notas de B. Neunheuser. Casel parte do facto de que a “liturgia” cristã é denominada constantemente mistério, descobrindo que os componentes essenciais do termo técnico-cultural são:

- 1) a existência de um evento primordial de salvação;
- 2) este evento tornou-se presente num rito;
- 3) o homem de todos os tempos, através do rito, realiza a sua universal história da salvação.

Por isso, define a liturgia como a acção ritual da obra salvífica de Cristo, ou seja, presença sob o véu de símbolos da obra divina da redenção⁸⁵. Isto é, a liturgia como o mistério cultural de Cristo e da Igreja.

Ao longo do seu discurso teológico sobre o mistério, Casel tenta também uma definição do mesmo: «o mistério é uma acção sagrada de carácter cultural na qual um facto salvífico levado a cabo por um deus, sob a forma de rito, se torna actualidade; pelo facto que a comunidade cultural leva a cabo este rito, essa toma parte no facto salvífico e conquista em tal modo a salvação»⁸⁶.

⁸² ALDAZÁBAL, *La pascua*, 94.

⁸³ CASEL, *Il mistero del culto cristiano*, 23.

⁸⁴ O. CASEL, *Presenza del mistero di Cristo. Scelta di testi per l'anno liturgico*, Queriniana, Roma 1995.

⁸⁵ S. MARSILI, «Rumo a uma teologia da liturgia», in *Anámnese*, vol. 1, São Paulo 1987, 94.

⁸⁶ CASEL, *Il mistero del culto cristiano*, 95-96.

O conceito de mistério e a doutrina dos mistérios são clarificados através da história das religiões e ainda demonstrados com textos bíblicos, litúrgicos e patrísticos. Porém, o autor pergunta: «que lugar ocupa o mistério do culto no cristianismo? A justa solução deste problema dependerá muito da resposta a um outro problema: o que é o cristianismo?»⁸⁷.

Casel exclui as correntes como o dogma, a lei moral ou o sentimento religioso na compreensão da fé cristã, para afirmar que o cristianismo no seu significado pleno e originário é “o Evangelho de Deus” ou “Evangelho de Cristo”. Por tal, é “mistério” no sentido paulino da palavra, uma revelação de Deus à humanidade através das acções humano-divinas plenas de vida e força.

A tese central é que os mistérios, que são acções salvíficas de Deus, não esgotam uma doutrina e procuram a expressão nos símbolos. Todavia, apresenta uma diferença fundamental entre o mistério de Cristo e o mistério do culto: «o mistério de Cristo é, segundo as cartas paulinas, Jesus Cristo mesmo na sua realidade total, isto é, a revelação de Deus no seu Filho encarnado, aquela revelação que culmina na morte sacrificial e na glorificação do Senhor. O mistério do culto, ao contrário, é a representação e renovação ritual do mistério de Cristo, de modo que se torne possível para nós entrar a fazer parte do mistério de Cristo. O mistério do culto é portanto um meio com o qual o cristão vive no mistério de Cristo»⁸⁸.

Com Marsili, podemos sintetizar em seis pontos a teologia mistérica na obra de Casel⁸⁹:

- 1) A liturgia não se move num plano de acção humana, mas é acção divina emanante da humanidade glorificada de Cristo;
- 2) A liturgia é, enquanto continuação da obra de salvação, afirmação do primado do mistério da encarnação;
- 3) Na liturgia, o mistério de Cristo não existe senão como mistério pascal;
- 4) O mistério pascal dá à liturgia uma tríplice dimensão: anámnese, presença e anúncio;
- 5) A liturgia, enquanto mistério cultural, é toda sob o plano da sacramentalidade;

⁸⁷ CASEL, *Il mistero del culto cristiano*, 35.

⁸⁸ CASEL, *Il mistero del culto cristiano*, 167.

⁸⁹ CASEL, *Il mistero del culto cristiano*, 7-11.

6) A liturgia é um valor absoluto. Nela o mistério de Cristo torna-se mistério da Igreja e vice-versa.

Os mistérios do culto são «aquelas acções santas que nós levamos a cabo mas que o Senhor (através do ministério eclesiástico) realiza simultaneamente em nós. São a presença activa de Cristo no culto»⁹⁰. Esta doutrina estende-se aos sacramentos — “acções de Cristo no homem” e ao Ano litúrgico no seu todo como «imagem do plano salvífico eterno de Deus que contém o mistério de Cristo»⁹¹.

O valor de Casel na história da teologia litúrgica é enorme, ao mostrar que a liturgia é continuação e actualização do mistério de Cristo e da história da salvação, celebrada por meio de ritos e sinais. A liturgia não é só memória mas presença no “*hodie*” litúrgico; ela celebra sempre o mistério de Cristo, que é sempre igual na sua plenitude. Alguns teólogos consideram a teologia dos mistérios de Casel como a mais original e fecunda do século XX⁹².

O Movimento Litúrgico teve o seu natural desenvolvimento por toda a Europa⁹³. Na Áustria, Pio Parsch, cônego agostiniano de Klosterneuburg, favorece a actuação pastoral do Movimento Litúrgico. Na Itália, surgiram a *Revista Litúrgica* (1914) do mosteiro de Finalpia, Emmanuel Caronti⁹⁴ e Ildelfonso Schuster com a publicação do seu *Liber Sacramentorum*⁹⁵. Em Espanha, é importante a acção dos mosteiros de Montserrat e de Silos. Nos Estados Unidos, o Movimento Litúrgico encontra o seu primeiro centro no mosteiro de St. John (Collegeville).

O início do Movimento Litúrgico, em Portugal, pode datar-se no I Congresso Litúrgico Português, realizado em Vila Real de 17 a 19 de Junho de 1926⁹⁶. Em Braga, realizou-se depois, em 1928, o Congresso

⁹⁰ CASEL, *Il mistero del culto cristiano*, 42.

⁹¹ CASEL, *Il mistero del culto cristiano*, 119.

⁹² Cf. J. RATZINGER, *Il fondamento sacramentale dell'esistenza cristiana*, Queriniana, Brescia 2005, 6.

⁹³ Cf. O. ROUSSEAU, *Histoire du mouvement liturgique, esquisse historique depuis de début du XIX siècle jusqu'au pontificat de Pie X*, Cerf, Paris 1945.

⁹⁴ E. CARONTI, *La pietà liturgica*, Turim 1920.

⁹⁵ A. SCHUSTER, *Liber Sacramentorum. Note storiche e liturgiche sul Messale Romano*, 10 voll., Marietti, Torino-Roma 1919-1941.

⁹⁶ Cf. T. DE OLIVEIRA, «Movimento litúrgico em Portugal», *Ora et labora* 1 (1954) 7-17. Por iniciativa de D. João Evangelista de Lima Vidal, 1.º bispo da Diocese de Vila Real, criada em 1922, realizou-se o primeiro congresso litúrgico em Portugal. Neste congresso, cujas actas não foram publicadas, apresentaram-se vários temas, dos quais destacamos alguns: a liturgia e a vida paroquial (P. Pereira dos Reis); o sacramento da Ordem (P. Manuel Gomes de Almeida); a liturgia e a vida da Igreja (D. António Barbosa Leão, Bispo do Porto); a liturgia e

Nacional de Liturgia⁹⁷. Tanto o mosteiro de Singeverga como o Seminário Maior dos Olivais foram dois centros importantes do Movimento Litúrgico.

Muitos e grandes liturgistas são contados neste movimento litúrgico português:

- Dr. António Ribeiro de Vasconcelos e a sua obra *Compêndio de Liturgia Romana*⁹⁸;
- Mons. José Manuel Pereira dos Reis, precursor do Movimento Litúrgico em Portugal⁹⁹;
- Mons. Freitas Barros e o *Missal dos fiéis*¹⁰⁰;
- Mons. Coelho Ferreira (*O santo sacrifício da Missa*¹⁰¹, *Semana santa e Semana paschal*);
- D. António Coelho, O.S.B., protagonista do Movimento Litúrgico em Portugal¹⁰²;

a pregação (P. Paulo Durão Alves); importância da cultura litúrgica na vida espiritual (D. António Coelho); o Bispo e a Catedral (Maria do Carmo Lencastre); o sacrifício da Missa (Mons. Eduardo Coelho Ferreira); o sacramento da Confirmação (Cipriano do Vale); a educação litúrgica (D. José de Lencastre); liturgia do sacramento da Eucaristia (P. António Ribeiro Teles); música sacra. Organização do canto popular nas igrejas (P. Avelino José Pinto da Silva); a catequese e a liturgia (Mons. Freitas Barros); a liturgia e o Papa (D. Sebastião Nicotra, Nuncio Apostólico em Portugal). Cf. B. FERREIRA DA COSTA, *Movimento Litúrgico em Portugal. Um ensaio histórico*, Roma 2007 – um trabalho não publicado, realizado em ordem à *lectio coram* no processo do doutoramento no Pontifício Instituto Litúrgico em Roma, que o autor está a preparar sob a mesma temática. Paralelamente ao Congresso litúrgico de Vila Real nasce a revista *Opus Dei* (1926–1937), fundada por D. António Coelho.

⁹⁷ Ao Congresso de Vila Real, seguiu-se o Congresso Nacional Romano-Bracarense, realizado em Braga de 26 de Junho a 1 de Julho de 1928, sob a presidência do então Arcebispo Primaz, D. Manuel Vieira de Matos.

⁹⁸ A. VASCONCELOS, *Compêndio de Liturgia Romana* 1, Coimbra 1898; ²1901.

⁹⁹ Para um conhecimento mais aprofundado sobre o autor, cf. J.A.N. GANHÃO, *O movimento litúrgico em Portugal. O contributo de Monsenhor Pereira dos Reis*, Lisboa 2006.

¹⁰⁰ J. FREITAS BARROS, *Missal dos fiéis. Devocionário e sacramentário*, 2 voll., Lisboa 1927 e 1928. Trata-se da tradução do *Missale Romanum* e destinava-se principalmente aos fiéis.

¹⁰¹ E. COELHO FERREIRA, *O Santo Sacrifício*, Lisboa 1917.

¹⁰² A. COELHO, *Curso de liturgia romana. Liturgia fundamental, liturgia laudativa, liturgia sacramental*, vol.1, Edições Ora & Labora, Mosteiro de Singeverga, Negrelos, ³1950. Um compêndio dos princípios fundamentais da Liturgia laudativa, sacrificial e sacramental. Esta obra foi o manual de liturgia para quase todos os seminários em Portugal. Observe-se ainda que o manual foi traduzido em francês (1928 e 1938) e em italiano (1935–1937; 1939–1940). Para melhor documentação sobre este autor, consultar: B. FERREIRA DA COSTA, *Contributo de D. António Coelho para o Movimento Litúrgico em Portugal. O curso de Liturgia Romana (1926–1930)* – Tese de licenciatura em Sagrada Liturgia apresentada em 2006 no Pontifício Instituto Litúrgico em Roma, sob a orientação do P. José Cordeiro. Cf. A. CARDITA,

- Cón. António Gonçalves;
- P. Correia da Cunha (*Liturgia da Vigília pascal*, 1952);
- P. Manuel Pinto, S.J., autor de *O valor teológico da liturgia*¹⁰³.

Todo este movimento não aconteceu na paz. Pelo contrário, não faltaram no interior da Igreja, discussões, ataques, bispos cépticos e com muitas reservas por todo este desenvolvimento litúrgico.

3.º período: 1943–1963

Em França, até à segunda Guerra Mundial, o interesse concentrava-se mais sobre o aprofundamento científico com as grandes publicações, como o *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de la liturgie* (1907–1953) de F. Cabrol-H. Leclercq, dos catálogos dos manuscritos dos livros litúrgicos de Leroquais, os estudos de Duchesne, a Patrologia Latina e Grega de MIGNÉ e Dom Pitra, entre outros. Em 1943, fundou-se o Centre de Pastorale Liturgique em Paris e a revista *La Maison-Dieu*.

Os congressos internacionais de liturgia – Lyon (1947); Maria Laach (1951); Mont St. Odile (1952); Lugano (1953); Mont-César (1954); Assisi (1956); Montserrat (1958); München (1960) – deram um enorme contributo ao Movimento Litúrgico.

A Encíclica “*Mediator Dei*” de Pio XII (20.11.1947)¹⁰⁴ é considerada a “*Magna Carta do Movimento litúrgico*”. Este documento abre com uma introdução e conclui com um epílogo, articulando-se em quatro capítulos:

- O primeiro capítulo trata da natureza, origem e desenvolvimento da liturgia (a liturgia e o culto público; a liturgia e o culto externo e interno; a liturgia regulada pela hierarquia eclesiástica; progresso e desenvolvimento da liturgia; liturgia como processo que não pode deixar-se ao arbítrio de cada um);

«António Coelho: a teologia nos fundamentos da liturgia», in A. CARDITA, *O mistério, o rito e a fé. Para uma “recondução antropológica” da teologia litúrgico-sacramental*, Bond, Quimera Editores 2007, 44–49.

A. COELHO, *Curso de Liturgia romana. Liturgia sacrificial*, vol. 2, Edições Ora & Labora, Mosteiro de Singeverga, Negrelos, ³1950.

¹⁰³ M. PINTO, *O valor teológico da liturgia*. Trata-se da sua tese de doutoramento em Teologia dogmática defendida em Granada, sob a orientação do P. Miguel Nicolau. Foi professor na Pontifícia Universidade Gregoriana. Cf. A. CARDITA, «Manuel Pinto: determinação do valor teológico da liturgia», in A. CARDITA, *O mistério, o rito e a fé*, 49–53.

¹⁰⁴ Cf. PIO XII, «*Mediator Dei*», *AAS* 39 (1947) 521–600.

- O segundo capítulo concentra-se no culto eucarístico (natureza do sacrifício eucarístico; participação dos fiéis na oblação do sacrifício eucarístico; a comunhão eucarística; o culto de adoração à Eucaristia);
- O terceiro capítulo desenvolve o Ofício divino e o Ano litúrgico (o Ofício divino; o ciclo dos mistérios no Ano litúrgico; o ciclo dos santos);
- No quarto capítulo apresentam-se as normas práticas pastorais (o cuidado a ter com os exercícios de piedade; fomento do espírito e do apostolado litúrgicos).

Esta encíclica, apelidada por muitos estudiosos como a encíclica do «santo equilíbrio do movimento litúrgico»¹⁰⁵, dá uma definição de liturgia: «a liturgia é, pois, o culto público que o nosso Redentor, cabeça da Igreja, presta ao Pai celeste, e que a comunidade dos fiéis presta ao seu fundador e através dele ao Pai»¹⁰⁶.

Sem dúvida, as reformas de Pio XII contribuíram para uma nova teologia litúrgica, e podemos até acrescentar que o II Concílio do Vaticano desembocou numa teologia da liturgia graças às bases destas reformas lentas e amadurecidas. Todos se davam conta do crescendo da reforma litúrgica e toda a Igreja se abria naqueles anos às riquezas do mistério pascal, centro da vida da Igreja e de cada cristão.

Outros acontecimentos marcaram profundamente o Movimento Litúrgico em toda a Igreja:

- a reforma da celebração da Vigília pascal e da Semana santa – “*Instauratio Vigiliae paschalis*”¹⁰⁷ (09.02.1951);
- a publicação do *Ordo Hebdomadae Sanctae instauratus*¹⁰⁸ (30.11.1955);
- a encíclica sobre a música na liturgia – “*Musicae sacrae disciplina*”¹⁰⁹ (25.12.1956).

¹⁰⁵ Cf. G. AGNELO, «A encíclica “*Mediator Dei*” a cinquenta anos de distância», *Osservatore Romano* (edição portuguesa) 48 (29.11.1997) 19-20.

¹⁰⁶ PIO XII, «*Mediator Dei*», *AAS* 39 (1947) 528.

¹⁰⁷ CONGREGATIO RITUUM, «*Decretum Dominicæ Resurrectionis Vigiliam*», *AAS* 43 (1951) 128-137.

¹⁰⁸ *Ordo Hebdomadae Sanctae instauratus*, Editio typica, Typis Polyglottis Vaticanis 1956.

¹⁰⁹ PIO XII, «*Litterae encyclicae de musica sacra*», *AAS* 48 (1956) 5-25.

✱ O I Congresso Internacional de Pastoral litúrgica de Assis ficou célebre pelas palavras proferidas pelo Papa Pio XII no Discurso final na sala das Bênçãos do Vaticano em 23.09.1956: «o Movimento Litúrgico apareceu como um sinal das providenciais disposições divinas no nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo na sua Igreja para aproximar ainda mais os homens aos mistérios da fé e às riquezas da graça, que provêm pela participação activa dos fiéis na vida litúrgica»¹¹⁰, e, ainda pelas palavras de J. A. Jungmann, S.J.: «A chave da história da liturgia é a pastoral»¹¹¹.

João XXIII, na Basílica de S. Paulo a 25.01.1959, fez o anúncio do II Concílio do Vaticano. Quando João XXIII anunciou o Concílio não estava, certamente, nos seus pensamentos o tema litúrgico. Todavia, entre os primeiros inquiridos e entre as 9.384 propostas, 1.855 delas, ou seja, cerca de 20%, referiam-se à liturgia. Este era um sinal do desejo de uma renovação. O grande número de respostas vindas da Secretaria Geral da comissão ante-preparatória foi lida como sinal de interesse pelos temas litúrgicos presente nos futuros Padres conciliares.

No Motu proprio *Rubricarum Instructum*, de 25 de Julho de 1960, dizia João XXIII: «depois de ter examinado por muito tempo o assunto, decidimos que no Concílio Ecuménico se devem propor os grandes princípios “*altiora principia*” para a reforma litúrgica geral»¹¹².

2.3.9. A reforma litúrgica¹¹³

A promulgação da *Sacrosanctum Concilium* acontece a 04.12.1963, 400 anos depois da conclusão do Concílio de Trento (04.12.1563). Pela primeira vez na história da Igreja, um Concílio Ecuménico tratou colegialmente o tema litúrgico em geral.

A reforma litúrgica insere-se exactamente na quádrupla finalidade geral do Concílio: «fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover

¹¹⁰ PIO XII, «Alocução conclusiva aos participantes do Congresso Internacional de Liturgia Pastoral de Assis», *AAS* 48 (1956) 712.

¹¹¹ Cf. J. JUNGSMANN, «La pastorale come chiave della storia della liturgia», in *Eredità liturgica e attualità pastorale*, Edizioni Paoline, Roma 1962, 556-574.

¹¹² JOÃO XXIII, «Motu proprio “*Rubricarum instructum*”», in C. BRAGA-A. BUGNINI, *Documenta ad instaurationem liturgicam spectantia (1903-1963)*, Edizioni liturgiche, Roma 2000, 1017.

¹¹³ Cf. SC 21-40.

tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja»¹¹⁴.

Por isso, os princípios da reforma litúrgica foram:

- a) aumentar a vida cristã;
- b) adaptar as instituições eclesiais ao nosso tempo;
- c) promover a união dos cristãos (ecumenismo);
- d) propor a todos os homens o convite de entrar na Igreja (missão);
- e) realizar a nobre simplicidade e a clareza na brevidade dos ritos.

Na realidade, «a renovação litúrgica é o fruto mais visível de toda a obra conciliar. Para muitos, a mensagem do Concílio do Vaticano II foi percebida, acima de tudo, através da reforma litúrgica»¹¹⁵.

O sujeito da acção litúrgica é o povo de Deus. A valorização das Igrejas locais foi outro aspecto saliente, bem como a recentralização da Palavra de Deus na liturgia.

Como qualquer reforma eclesial verdadeiramente incisiva, que penetra no âmago da vida cristã, a reforma litúrgica suscitou incompreensões e pôs a claro várias formas de incoerência. Em geral, a reforma litúrgica foi bem acolhida na Igreja de Rito romano. Verificou-se que a liturgia viveu, depois dos primeiros anos da reforma litúrgica, uma fase de crise, dominada pela perda de entusiasmo, desencantada por não obter rapidamente os resultados que se esperavam em relação aos generosos esforços iniciais. Talvez se esperasse desta reforma uma “utilidade” pastoral, que não lhe correspondeu. A liturgia, de facto, não é um instrumento de pastoral, mas acção pastoral própria da Igreja no seu núcleo e na sua fonte, isto é, o lugar de encontro santificante dos homens e glorificante do Pai mediante Jesus Cristo no Espírito Santo¹¹⁶.

A reforma da liturgia não é um movimento isolado. Esta interage com o movimento bíblico, o movimento ecuménico, o renovado vigor missionário e com a investigação teológica antes e depois do acontecimento conciliar. A renovação litúrgica aparece, em certo sentido, como o padrão e a condição para se porem em prática os ensinamentos conciliares.

Entretanto em 1985, aquando da celebração do Sínodo extraordinário dos Bispos sobre o balanço dos 20 anos do Vaticano II, os Padres sinodais

¹¹⁴ SC 1.

¹¹⁵ J. PAULO II, «*Vicesimus quintus annus* 12», in *EDREL*, 748.

¹¹⁶ Cf. T. GARRIGA, «La sacra liturgia, fonte e culmine della vita ecclesiale», in R. FISICHELLA (ed.), *Il Concilio Vaticano II*, 59.

afirmaram claramente que: «a renovação litúrgica é o fruto mais visível de toda a obra conciliar. Ainda que tenha havido algumas dificuldades, em geral ela foi acolhida pelos fiéis com alegria e com fruto»¹¹⁷.

Esta renovação da liturgia não pode limitar-se às cerimónias, aos ritos ou aos textos, mas pretendeu conduzir àquela tão desejada participação activa e consciente, felizmente aumentada depois do Concílio.

Após uma recuperação do encanto e da beleza da liturgia, vive-se actualmente o tempo da pastoral e da espiritualidade litúrgicas. Pode-se, portanto, articular em cinco períodos estes mais de 40 anos da reforma conciliar:

- 1) fase de entusiasmo;
- 2) fase de desencanto;
- 3) fase de recuperação;
- 4) fase de pastoral litúrgica;
- 5) fase de espiritualidade litúrgica.

Nos anos 60, viveu-se o enorme *entusiasmo* da aplicação da reforma da liturgia, nos quais se destacou: a abertura da liturgia às línguas vernáculas e o papel relevante atribuído às Conferências Episcopais; a restauração da concelebração e da comunhão sob as duas espécies; a simplificação do Ofício divino; as perspectivas missionárias que as possíveis adaptações ofereceram; a preferência do termo *unção dos doentes* ao antigo de *extrema unção*; o anúncio de que é possível reformar toda a liturgia; o ênfase ao mistério pascal; a participação dos fiéis e a dignificação do culto.

Nos anos 70¹¹⁸, assistiu-se a um *desencanto* na recepção da reforma, devido a uma renovação não suficientemente preparada, permanecendo a reforma no exterior. Foram, no entanto, anos marcados pela: fixação das celebrações e a publicação dos livros litúrgicos; o crescimento rápido da secularização da sociedade; a crise dos sacerdotes. Nestes anos, ao ver que a liturgia não resolvia todos os problemas de fundo, a preocupação pastoral voltou-se para a evangelização.

¹¹⁷ Relação final do Sínodo Extraordinário dos Bispos 1985, 4, in *Viver o Concílio*, Editorial A.O., Braga, 1986, 46.

¹¹⁸ Note-se, porém que, em 1974, iniciam-se em Portugal as semanas de Pastoral litúrgica, que congregam milhares de pessoas em Fátima e muito têm contribuído para a formação litúrgica das dioceses portuguesas.